



Collier Schorr é uma artista norte-americana (n. 1963, Nova Iorque) cujo trabalho tem privilegiado a fotografia, mas também a colagem, o desenho e o vídeo. As questões em torno da história, da memória colectiva e da identidade social têm ocupado o centro das suas preocupações temáticas e conceptuais, num imaginário de grande rigor estético e técnico e que oscila entre diferentes géneros documentais e ficcionais.

Esta exposição centra-se nos trabalhos que Collier Schorr tem realizado ao longo das últimas duas décadas sobre uma pequena cidade, Schwäbisch Gmünd, situada no sul da Alemanha. Com o tempo, Schorr foi-se integrando cada vez mais na vida da comunidade, explorando o seu quotidiano, os seus traços culturais, bem com as suas idiosincrasias psicossociais. É um retrato sobre um lugar que se constitui pela convocação de diferentes assuntos, nos quais se incluem pessoas, espaços, objectos e momentos na paisagem. As imagens sugerem temas e histórias entrelaçadas, num território em que a (in)consciência do tempo e da história pairam como uma sombra sobre a experiência diária.

Nesse sentido, os diferentes assuntos representados dão a perceber até que ponto a representação dos lugares não nos proporciona apenas

uma consciência do espaço visível, mas, porque os lugares estão enredados em ressonâncias temporais, são depósitos de memórias e de derivações simbólicas, que nos conectam a acontecimentos reais e imaginários, e que articulam o passado com temas significantes da actualidade. Assim, é no âmbito deste apelo pelo carácter projectivo e reflexivo da imagem que as fotografias de Collier Schorr manifestam um produtivo entrecruzar com outros modelos e modos de expressão, o que significa encontrar no fotográfico uma competência cada vez mais decisiva: o jogo dialéctico e paradoxal entre o factual e o ficcional, em que a imagem possibilita uma abertura especulativa, um foco de pesquisa que convida ao escrutínio do espectador. Veja-se por exemplo a imagem em que aparece escrito "Mengele" na parte de trás de um carro de gado (o que significa aqui e quem o escreveu? É apenas um nome ou é alguma referência a Josef Mengele?), ou as imagens de flores na paisagem, presas por fios (como se fossem esculturas efémeras, mas também sinais de uma natureza hiper-construída, forçada e tensa).

Neste contexto, Collier Schorr combina os papéis de fotógrafa com os de antropóloga social, de psicanalista e de contadora de histórias, num trabalho que se alimenta das deambulações



psíquicas entre legibilidade e ilegibilidade, entre a observação documental e a figuração mental. Como tal, as imagens situam um tempo simultaneamente suspenso e dilatado, em que passado e presente estão atados, também como forma de sugerir nostalgia, tensão, drama, ansiedade e trauma. Este é um lugar marcado pela memória, pela guerra e nacionalismo, pela emigração e reconstrução social, ou seja, uma realidade determinada pelo tempo, que a artista procura examinar de forma a fazer emergir os seus efeitos psíquicos e sociais. Com efeito, mais do que procurar os vestígios da guerra, Collier Schorr representa uma realidade vernacular, um mundo bucólico à espera de se regenerar, de resolver ou de tornar tolerável a sua própria história. Por conseguinte, esta pequena cidade, bem como estes rostos alemães compõem uma metáfora da Alemanha do pós-guerra, uma sociedade presa na sua própria história. Mas podemos perceber também um alcance mais geral, como uma ampla reflexão sobre a relação entre a imagem e a herança histórica, e como uma problematização crítica do icónico e das suas implicações culturais e políticas.

– Sérgio Mah

Collier Schorr is an American artist (b. 1963, New York) whose work chiefly consists of photography, collage, drawing and video. The themes and concepts at the centre of her work revolve around history, the collective memory and social identity, creating a highly developed aesthetic and technical imagery that fluctuates between different documentary and fictional genres.

This exhibition focuses on the works that Schorr has produced over the last two decades in a town in southern Germany, Schwäbisch Gmünd. Over time, Schorr became increasingly integrated into the life of the community, exploring its daily existence, its cultural traits and its psychosocial idiosyncrasies. What she produced is a portrait of a place created through the assembling of different subjects that include people, places, objects and landscape moments. The images suggest intertwined themes and stories in a land where the (un)awareness of time and history hang like a shadow over daily experience.

In that regard, the different subjects portrayed make us realise to what extent the representation of places provides us with more than just an awareness of visible space. Places are entangled in temporal resonances, they are depositories of memories and symbolic derivations that connect



Arrangement #15 (Herrhausen), 2008
Cortesia / Courtesy 303 Gallery

Kürbis Gemälde (Georg, Martin, Jörg U.A.), 2007
Cortesia / Courtesy 303 Gallery

Intruder, 2005
Cortesia / Courtesy 303 Gallery

us to real and imaginary events and interlink the past with significant themes in the present. It is in the context of this appeal to the projective and reflective nature of the image, therefore, that Schorr's photographs reveal a productive intersection with other models and modes of expression, signifying the photograph's increasingly decisive role as a dialectical and paradoxical play between the factual and the fictional in which the image enables a speculative opening, a focus of research that invites the observer's scrutiny. Take for example the image in which the word "Mengele" is written on the rear of a cattle truck (what does it mean here, and who wrote it? Is it just a name or is it a reference to Josef Mengele?), or the images of flowers in the landscape tied in place with cord (as if they were ephemeral sculptures, but also signs of a nature that is highly constructed, forced and tense).

In this context, Schorr combines the role of photographer with those of social anthropologist, psychoanalyst and storyteller, in a work that feeds off the psychic wanderings between legibility and illegibility, documentary observation and mental figuration. As such, the images are located in a time that is simultaneously suspended and dilated, in which past and present are tied

together, which also functions to suggest nostalgia, tension, drama, anxiety and trauma. This is a place marked by memory, by war and nationalism, by emigration and social reconstruction; it is, in other words, a reality determined by time, which the artist attempts to examine in order to unearth their psychic and social effects. In fact, more than seeking the vestiges of war, what Schorr does is to represent a vernacular reality, a bucolic world waiting to be regenerated, resolved and its history made tolerable. Consequently, the town and the German faces represent a metaphor for post-war Germany, a society trapped in its own history. But we are also aware of a more general sweep, in the broad reflection on the relationship between image and historical inheritance and a critical polemicisation of the iconic and its cultural and political implications.

– Sérgio Mah

Collier Schorr es una artista estadounidense (1963, Nueva York) cuyo trabajo se ha centrado en la fotografía, aunque también en el *collage*, el dibujo y el vídeo. Sus preocupaciones temáticas y conceptuales giran en torno a la historia, a la memoria colectiva y a la identidad social, en un imaginario con un gran rigor estético y técnico, que oscila entre diferentes géneros documentales y ficcionales.

Esta exposición muestra obras que ha realizado a lo largo de las dos últimas décadas y que se centran en una pequeña ciudad, Schwäbisch Gmünd, situada en el sur de Alemania. Con el tiempo, Collier Schorr ha ido integrándose cada vez más en la vida de la comunidad, explorando su cotidianidad, sus rasgos culturales y sus idiosincrasias psicosociales. Se trata de un retrato de un lugar que toma forma tratando diferentes asuntos, en los cuales se incluyen personas, espacios, objetos y momentos en el paisaje. Las imágenes sugieren historias y temas entrelazados, en un territorio en el que la (in)consciencia del tiempo y de la historia flotan como una sombra sobre la experiencia diaria.

En este sentido, los diferentes asuntos representados dan a entender hasta qué punto la representación de los lugares no nos proporciona únicamente una conciencia del espacio visible, porque estos están enredados en resonancias temporales, son depósitos de recuerdos y de derivaciones simbólicas, que nos conectan con acontecimientos reales e imaginarios y que articulan el pasado con temas significativos de la actualidad. Así, es precisamente en el ámbito de esa apelación al carácter proyectivo y reflexivo de la imagen donde las fotografías de Collier Schorr muestran un productivo entrecruzamiento con otros modelos y modos de expresión, lo que implica encontrar en lo fotográfico una capacidad cada vez más decisiva: el juego dialéctico y paradójico entre lo factual y lo ficcional, en el que la imagen posibilita una apertura especulativa, un foco de investigación que invita al análisis del espectador. Sirvan como ejemplos la imagen en la que aparece escrito "Mengele" en la parte de atrás de un camión de ganado (¿qué significa aquí y quién lo escribió? ¿Se trata únicamente de un nombre o

es una referencia a Josef Mengele?) o las flores en el paisaje sujetas con hilos (como si fuesen esculturas efímeras, pero también señales de una naturaleza hiperconstruida, forzada y tensa).

En este contexto, Collier Schorr combina el papel de fotógrafa con los de antropóloga social, psicoanalista y narradora, en un trabajo que se alimenta de las deambulaciones psíquicas entre la legibilidad y la ilegibilidad, entre la observación documental y la figuración mental. De este modo, las imágenes fijan un tiempo simultáneamente suspendido y dilatado, en el que pasado y presente están unidos, sugiriendo también nostalgia, tensión, drama, ansiedad y trauma. Se trata de un lugar marcado por el recuerdo, por la guerra y el nacionalismo, por la emigración y la reconstrucción social, es decir, una realidad determinada por el tiempo, que la artista pretende examinar con objeto de sacar a la luz sus efectos psíquicos y sociales. Más que buscar vestigios de la guerra, Collier Schorr representa, en efecto, una realidad vernácula, un mundo bucólico a la espera de regenerarse, de resolver o de hacer tolerable su propia historia. Así pues, tanto esa pequeña ciudad como esos rostros alemanes componen una metáfora de la Alemania de posguerra, una sociedad presa en su propia historia. Pero también percibimos un alcance más general y una amplia reflexión sobre la relación entre la imagen y la herencia histórica, así como una problematización crítica de lo icónico y de sus implicaciones culturales y políticas.

– Sérgio Mah



Haywagon, 2009
Cortesia / Courtesy 303 Gallery

Game Keeper, 2004
Cortesia / Courtesy 303 Gallery

Visitas Orientadas e Actividades em torno da exposição Collier Schorr, German Faces
Informações em www.museuberardo.pt

ENTRADA GRATUITA NO MUSEU COLECÇÃO BERARDO COM O APOIO

 **MUSEU COLECÇÃO BERARDO**
ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

PHOTOESPAÑA2010

 **MIC**
MINISTÉRIO DA CULTURA

TURISMO DE PORTUGAL

 **ZON**

Praça do Império · 1449-003 Lisboa · Tel: 21 361 2878 / 21 361 2913 · Fax: 21 361 2570 · museuberardo@museuberardo.pt · www.museuberardo.pt

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

PISO 2 / LEVEL 2



MUSEU COLECÇÃO BERARDO

Collier Schorr

German Faces

31/05 – 15/08/2010

Comissário / Curator / Comisario: **Sérgio Mah**

PHOTOESPAÑA2010